

O fato novo do sultão

Era uma vez um sultão, que dispendia em vestuario todo o seu rendimento.

Quando passara revista ao exercito, quando ia aos passeios ou ao theatro, não tinha outro fim senão mostrar os seus fatos novos. Mudava de traje a todos os instantes, e como se diz d'um rei: Está no conselho; dizia-se d'elle: Está-se a vestir. A capital do seu reino era uma cidade muito alegre, graças á quantidade d'estrangeiros que por ali passavam; mas chegaram lá um dia dois larapios, que, dando-se por tecelões, disseram que sabiam fabricar o estofo mais rico que havia no mundo. Não só eram extraordinariamente bellos os desenhos e as cores, mas além d'isso os vestuarios feitos com esse estofo, possuíam uma qualidade maravilhosa: tornavam-se invisiveis para os idiotas e para todos aquelles que não exercessem bem o seu emprego.

— São vestuarios impagaveis, disse comsigo o sultão; graças a elles, saberei distinguir os intelligentes dos tolos, e reconhecer a capacidade dos ministros. Preciso d'esse estofo!»

E mandou em seguida adiantar aos dois charlatães uma quantia avultada, para que podessem começar os trabalhos immediatamente.

Os homens levantaram com effeito dois teares, e fingiram que trabalhavam, apesar de não haver absolutamente nada nas lançadeiras. Requisitavam seda e oiro fino a todo o instante; mas guardavam tudo isso muito bem guardado, trabalhando até á meia noite com os teares vasios.

— «Preciso saber se a obra vae adiantada».

Mas tremia de medo ao lembrar-se que o estofo não podia ser visto pelos idiotas. E, apesar de ter confiança na sua intelligencia, achou prudente em todo o caso mandar alguém adiante.

Todos os habitantes da cidade, conheciam a propriedade maravilhosa do estofo, e ardiam em desejos de verificar se seria exacto.

— Vou mandar aos tecelões o meu velho ministro, pensou o sultão; tem um grande talento, e por isso ninguem póde melhor do que elle avaliar o estofo.

O honrado ministro entrou na sala em que os dois impostores trabalhavam com os teares vasios.

— Meu Deus! disse elle comsigo arregalando os olhos, não vejo absolutamente nada!» Mas no entanto calou-se. Os dois tecelões convidaram-n'o a aproximar-se, pedindo-lhe a sua opinião sobre os desenhos e as côres. Mostraram-lhe tudo, e o velho ministro olhava, olhava, mas não via nada, pela rasão simplicissima de nada lá existir.

— Meu Deus! pensou elle, serei realmente estúpido? É necessario que ninguém o saiba!... Ora esta! pois serei tolo realmente! Mas lá confessar que não vejo nada, isso é que eu não confesso.»

— «Então que lhe parece?» perguntou um dos tecelões:

— «Encantador, admiravel! respondeu o ministro, pondo os oculos. Este desenho... estas cores... magnifico!... Direi ao sultão que fiquei completamente satisfeito.»

— «Muito agradecido, muito agradecido», disseram os tecelões; e mostraram-lhe cores e desenhos imaginarios, fazendo-lhe d'elles uma descripção minuciosa. O ministro ouviu attentamente, para ir depois repetir tudo ao sultão.

Os impostores requisitavam cada vez mais seda, mais prata e mais oiro; precisavam-se quantidades enormes para este tecido. Mettiam tudo no bolso, é claro; o tear continuava vasio, e apesar d'isso trabalhavam sempre.

Passado algum tempo, mandou o sultão um novo funcionario, homem honrado, a examinar o estofo, e ver quando estaria prompto. Aconteceu a este enviado o que tinha acontecido ao ministro: olhava, olhava e não via nada.

— Não acha um tecido admiravel?» perguntaram os tratantes, mostrando o magnifico desenho e as bellas cores, que tinham apenas o inconveniente de não existir.

— Mas que diabo! eu não sou tolo! dizia o homem comsigo. Pois não serei eu capaz de desempenhar o meu lugar? É exquisito! mas deixal-o, não o deixo eu.»

Em seguida elogiou o estofo, significando-lhes toda a sua admiração pelo desenho e o bem combinado das cores.

— É d'uma magnificencia incomparavel, disse elle ao sultão. E toda a cidade começou a fallar d'esse tecido extraordinario.

Emfim o proprio sultão quiz vel-o emquanto estava no tear. Com um grande acompanhamento de pessoas distinctas, entre as quaes se contavam os dois honrados funcionarios, dirigiu-se para as officinas, em que os dois velhacos teciam continuamente, mas sem fios de seda, nem d'oiro, nem de especie alguma.

— Não acha magnifico? disseram os dois honrados funcionarios. O desenho e as cores são dignos de vossa alteza.»

E apontaram para o tear vasio, como se as outras pessoas que ali estavam podessem ver alguma cousa.

— Que é isto! disse consigo mesmo o sultão, não vejo nada! É horrível! serei eu tolo, incapaz de governar os meus, estados? Que desgraça que me acontece!» Depois de repente exclamou: «É magnifico! Testemunho-vos a minha satisfação.»

E meneou a cabeça com um ar satisfeito, e olhou para o tear, sem se atrever a declarar a verdade. Todas as pessoas de seu sequito olharam do mesmo modo, uns atraz dos outros, mas sem ver cousa alguma, e no entanto repetiam como o sultão: «É magnifico!» Até lhe aconselharam a que se apresentasse com o fato novo no dia da grande procissão. «É magnifico! é encantador! é admirável!» exclamavam todas as bocas, e a satisfação era geral.

Os dois impostores foram condecorados e receberam o titulo de fidalgos tecelões.

Na vespera do dia da procissão passaram a noite em claro, trabalhando à luz de dezeseis velas. Finalmente fingiram tirar o estofo do tear, cortaram-o com umas grandes tesouras, coseram-o com uma agulha sem fio, e declararam, depois d'isto, que estava o vestuario concluido.

O sultão com os seus ajudantes de campo foi examinal-o, e os impostores levantando um braço, como para sustentar alguma cousa, disseram:

«Eis as calças, eis a casaca, eis o manto. Leve como uma teia d'aranha; é a principal virtude d'este tecido.»

— Decerto, respondiam os ajudantes de campo, sem ver coisa alguma.

— Se vossa alteza se dignasse despir-se, disseram os larapios, provar-lhe-iamos o fato deante do espelho.»

O sultão despiu-se, e os tratantes fingiram apresentar-lhe as calças, depois a casaca, depois o manto. O sultão tudo era voltar-se defronte do espelho.

— Como lhe fica bem! que talhe elegante! exclamaram todos os cortezãos. Que desenho! que cores! que vestuário incomparavel!»

Nisto entrou o grão-mestre de ceremonias.

— Está á porta o docel sobre que vossa alteza deve assistir á procissão, disse elle.»

— Bom! estou prompto, respondeu o sultão. Parece-me que não vou mal.»

E voltou-se ainda uma vez diante do espelho, para ver bem o effeito do seu esplendor. Os camaristas que deviam levar a cauda do manto, não querendo confessar que não viam absolutamente nada, fingiam arregaal-a.

E, enquanto o sultão caminhava altivo sob um docel deslumbrante, toda a gente na rua e ás janellas exclamava: «Que vestuario magnifico! Que cauda tão graciosa! Que talhe elegante!» Ninguém queria dar a perceber, que não via nada, porque isso equivalia a confessar que se era tolo. Nunca os fatos do sultão tinham sido tão admirados.

— Mas parece que vae em cuecas», observou um pequerrucho, ao collo do pae.

— É a voz da innocencia, disse o pae.

— Ha ali uma creança que diz que o sultão vae em cuecas.

«Vae em cuecas! vae em cuecas!» exclamou o povo finalmente.

O sultão ficou muito afflicto porque lhe pareceu que realmente era verdade. Entretanto tomou a energica resolução de ir até ao fim, e os camaristas submissos continuaram a levar com respeito a cauda imaginaria.